

Quando uma mulher dá a luz, logo parentes e amigos aparecem para conhecer o ser mais lindinho que acabou de chegar ao mundo: o bebê; normalmente, os comentários diante da nova criatura são: Nossa! Que lindo bebê, parece com o pai – quando menino! Nossa! Que linda menininha; vamos furar a orelhinha e pôr imediatamente um brinquinho – quando menina!

Atualmente, não está sendo nada fácil ser mãe. “Ser mãe é padecer num paraíso.” Segundo dicionário, *padecer* é sofrer, suportar, consentir, sentir dores físicas ou morais; *paraíso* é o éden, ou lugar de delícias, onde, segundo a Bíblia, Deus colocou Adão e Eva, é o céu, é bem-aventurança.

Ser mãe, então, seria sofrer num lindo lugar ou numa linda situação?

É claro que a maternidade é linda, uma dádiva, um privilégio da ala feminina. No livro *Ser Mãe, Sem Padecer Num Paraíso*, a autora, Tânia Zaguri¹, dá umas boas dicas de como facilitar essa nossa função de ser mãe, sem precisar padecer. Ainda com uma ressalva: mãe não é só aquela que dá a luz, e sim aquela que exerce a função de mãe.

É muito comum ouvirmos que filhos pequenos dão trabalho e que filhos crescidos dão trabalho dobrado. Escutamos isso com tanta freqüência que, por vezes, acabamos por crer que é a realidade. Concordo muito mais com Tânia Zaguri: não é preciso sofrer para ser mãe. O que ocorre é que a educação de nossos filhos deve ser trabalhada no dia a dia, em “doses homeopáticas” para que, realmente, não seja necessário padecer; caso contrário, faremos jus aos ditados populares.

Logo nos primeiros anos de vida, a menina inicia suas brincadeiras com bonecas, de casinha, de mamãe e filhinha, já ensaiando uma vida adulta como mãe. Nessas brincadeiras, ela alimenta sua filhinha, amamenta, dá o banho e, às vezes, põe de castigo. Assim, já exercita alguns passos de sua “carreira”.

O que ocorre é que não saímos mais da posição de filha diretamente para a função exclusiva de mãe, como era pouco tempo atrás, quando as mulheres saíam da casa de seus pais para o matrimônio, para ser dona de casa e, em seguida, para parir seus filhos. Atualmente, a saída da casa dos pais já está difícil; algumas mulheres são mães ainda muito jovens e, quando saem de casa antes de se casar, podem ser profissionais, esposas ou simplesmente mulheres, antes de serem mães.

Nada está fácil para o “sexo frágil”; quando resolvemos queimar sutiãs em praça pública, na década de 60, creio que não tínhamos a noção exata de todas as conseqüências. Muitas foram as conquistas: hoje em dia, a mulher é mais valorizada, o Código Civil não aponta mais o “cabeça do casal”, conseguimos alguns direitos iguais aos masculinos; porém, várias atribuições foram apenas acrescidas àquelas já existente.

O que vem ocorrendo é que somos, exacerbadamente, cobradas pela sociedade, para ser: 1) uma boa e moderna mãe; 2) uma excelente esposa; 3) uma ótima e organizada dona de casa; 4) uma linda e magra mulher; 5) uma respeitável profissional. Para o ser humano, como pessoa, simplesmente, sobrou o quê? A resiliência. O conceito vem da física: é a propriedade que alguns materiais apresentam de voltar ao normal depois de submetidos à máxima tensão, a qual a psicologia tomou emprestada para explicar a capacidade de lidar com problemas, supera-los e até de se deixar transformar por adversidades.

Não é à toa que existem pessoas enlouquecendo, deixando a educação dos filhos, explodindo com casos mais complexos, largando a casa com “as pernas para o ar”; e os consultórios de psicólogos lotados, com a queixa: Não sei mais o que fazer.

Por essas e outras, é que sugiro a *Teoria dos 70%*. Sou a favor da proposta, com a qual me deparei certo dia: é humanamente impossível dar conta de tudo em 100%, como é o desejo da maioria das mulheres, principalmente aquelas perfeccionistas.

Tal teoria consiste em você conseguir exercer um pouco de cada uma daquelas funções, atingindo 70% de qualidade. Caso contrário, quando nos debruçamos, de corpo e alma, em apenas uma ou duas delas, querendo que os resultados sejam todos perfeitos, redondinhos, uma sensação de incompetência, de não darmos conta de tudo, de pensarmos que não estamos

sendo capazes ou, o que é pior, uma depressão, vai nos acompanhar, certamente.

Com a *Teoria dos 70%*, o dia a dia fica mais tranquilo, as tarefas fluem com mais naturalidade e deixamos o desespero de lado. A culpa, na maioria das vezes, vai embora, e acabamos por aceitar que a *Mulher Maravilha* é só ficção, é apenas filme ou desenho animado, mas a nossa história é que é real, sim, é fato e, devemos dizer, é linda!

Até podemos reclamar, lá de vez em quando, mas vamos lá! A vida fica muito mais cheia de graça com todos os rebentos a nossa volta. Existe algo mais lindo do que o sorriso de uma criança? Alguma mãe desejaria outro presente? Parabéns mãães, pelo seu dia da vida real!

* Pedagoga com especialização em Psicopedagogia e Gestão Escolar, Master Trainer em Programação Neurolinguística.

¹ ZAGURI, T. Ser mãe, sem padecer num paraíso. Rio de Janeiro, ano 1991, editora que é Record